

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ALFREDO CASTELLANOS — *La influencia endócrina en la Morfogénesis humana* — in «*Revista de Medicina*», n.ºs 63 e 64, Rosario (Argentina), 1932.

Trata o autor, neste discurso que foi pronunciado na Faculdade de Medicina de Rosario, um assunto importantíssimo e de evidente actualidade, o qual se pode resumir na relação que necessariamente existe entre a actividade dos órgãos de secreção interna e a constituição morfológica humana. Depois de algumas considerações sobre caracteres específicos, o autor aprecia e expõe de modo claro, com o seu habitual método científico, a acção endócrina sobre os centros tróficos. Nestes estudos, como noutros publicados pelo mesmo autor, este revela-se evolucionista convicto e particularmente lamarquista, pois evoca como causa de adaptações diversas as circunstâncias mesológicas. Existe em todos os seres o centro ou centros tróficos, sobre os quais o meio exerce a sua influência. Conforme a intensidade desta e o poder de reacção dos seres, assim se formam as variações individuais, graduais e insensíveis das espécies, ou rápidas como as *mutações*. O autor refere-se a todos os seres vivos e em particular ao homem. A hereditariedade, segundo certas leis de genética, é encarregada da transmissão dos caracteres adquiridos definitivamente. A estas modificações impostas à espécie junta-se a selecção natural e a sexual, o efeito do uso e do não uso.

São numerosas hoje as provas da acção endócrina, já no desenvolvimento embrionário, já no individuo adulto e na senilidade, governando em cada idade o metabolismo do cálcio e de outros elementos, produzindo, por exemplo as *incrustações*, *anquiloses* e *sinostoses* que marcam as diferentes etapas da vida individual. O autor aplica a mesma teoria ao crescimento e particularmente ao do esqueleto, nas suas diferentes porções. Admite também que a longevidade e a senescência se podem atribuir, como todo o equilíbrio ou desequilíbrio dos sistemas orgânicos, a acções endócrinas, isto é, ao aparelho defensivo, constituído pelos órgãos de secreção interna.

Assim o engrandecimento do esqueleto ou a rarefacção dos ossos se explica também por intervenção das secreções endócrinas. O problema apresenta pois faces múltiplas, qualquer delas de interesse para o morfologista e para o antropólogo sobretudo.

BETHENCOURT FERREIRA.

LIDIO CIPRIANI — *Considerazioni sopra il passato e l'avvenire delle popolazioni africane* — I vol. de 162 págs., publ. da «Società Italiana di Genetica ed Eugenia» e do «Comitato Italiano per lo studio dei problemi della popolazioni», Firenze, 1932.

De 1927 a 1930 o ilustre antropólogo de Florença realizou três viagens através da África, durante as quais recolheu numerosos e importantes materiais de estudo, a alguns dos quais já fizemos referência (*Trabalhos*, vol. V, pág. 382). No presente volume o prof. Cipriani debate a questão do valor psíquico dos negros, chegando a resultados desfavoráveis a estes.

Teem um interesse muito especial as páginas que o A. consagra às grandiosas ruínas e antigas explorações mineiras de Zimbábue, a propósito do que faz a história das relações dos Portugueses dos séculos XVI e seguintes com o famoso império do Monomotapa. Sem se fixar sobre a origem das antigas construções da Rodésia, que aliás não considera extremamente remotas, o A. acentua não haver provas objectivas que permitam atribuí-las a Fenícios, Egípcios, Árabes, Índios, etc. Todos os esqueletos humanos encontrados são dos tipos bantu e bochimane. Os métodos de exploração mineira e de metalurgia eram laboriosos e uniformes. Cipriani admite que um tipo humano de características somáticas elevadas, diversas das dos negros, teria tido uma extensa distribuição na África em tempos remotos. O seu desaparecimento da área bantu teria resultado do contacto com raças indígenas inferiores. Sobrevive esse tipo nalguns Zulus, nos Etiópes, nos Bahima do distrito de Ankole, etc. Razões antropológicas explicariam, segundo o A., a decadência do esplendor da antiga Rodésia.

Dando, sem hesitação, os negros como insusceptíveis de progresso, e descendentes degenerados de antepassados que lhes eram superiores, entende que as nações europeias, especialmente a Itália, teem o direito de tirar da ocupação da África vantagens que elles são incapazes de tirar. Quanto aos mulatos, o interesse

da colectividade estaria em adaptá-los a regiões em que o clima não permitisse o estabelecimento permanente dos Europeus. Não quer tudo isto dizer que a África possa vir a ser um continente totalmente branco.

O prof. Cipriani diz ter visto em Moçambique um negro laureado em medicina por uma Universidade portuguesa, retomar a vida da floresta com um séquito de mulheres, obrigadas a trabalhar para elle e maltratadas por elle «como nenhum selvagem usa fazer». Conhecem-se exemplos semelhantes. Já Corre citava o caso dum tiranete indígena, embrutecido, que fôra laureado por uma Universidade alemã.

O livro do prof. Cipriani está cheio de factos dignos de ponderação e de interessantes observações pessoais. A sua tese da inferioridade psíquica dos negros é cientificamente fundada. Quanto às conseqüências políticas e económicas que, a seu ver, decorreriam da aplicação dos princípios enunciados, estão sintetizadas nas palavras finais do volume, escritas com um patriotismo que deve fazer reflectir o leitor português, notando-se, porém, que o domínio de Portugal em África não é, no livro, objecto de qualquer ataque, antes se salienta ali a situação privilegiada da França e da Inglaterra entre as potências coloniais naquele continente. Entende, entretanto, Cipriani que a divisão política da África é, em muitos aspectos, «casual» e «não está certamente fixada para a eternidade»...

Eis as suas palavras finais: «A África, não tenhamos dúvida, não poderá mais ser dos Africanos, e entre todos os povos do mundo o italiano, por motivos étnicos, por dons inatos e pela sua adaptabilidade aos climas tropicais demonstrada em todos os países, é o destinado a triunfar ali, desde que lhe não venha a faltar, ao atingir a meta, o impulso de que, nestes últimos anos, por um feliz retôrno histórico, retomou o gôsto».

MENDES CORRÊA.

H. V. VALLOIS. — *L'Anthropologie physique et son orientation actuelle* — «Revue Scientifique», Paris, 1932.

A Antropologia física encontra-se como que «submergida» pela quantidade enorme de materiais recolhidos com os métodos clássicos de mensuração. O tratado de Martin enumera cerca de 250 medidas só no crânio...

O prof. Vallois, no n.º da «Revue Scientifique» de 9 de Julho, expõe a situação, mas combate o ceticismo a que a magreza dos resultados obtidos conduziu muitos autores, segundo os quais a Antropologia Física nada mais daria, porque o próprio excesso da sua especialização a teria conduzido a um ponto morto que ela não poderia ultrapassar.

O eminente antropologista traça as largas perspectivas da Antropobiologia, referindo-se aos estudos recentes sobre a hereditariedade, os mestiços, os gémeos, a antropologia das partes moles, os grupos sanguíneos, as constituições. Talvez nêsse terreno se encontrem novas directrizes mais fecundas para os estudos antropológicos.

Expuzemos análoga orientação nas lições de Antropobiologia que fizemos em Abril de 1932 no Instituto de Altos Estudos, de Lisboa, e cuja publicação em volume não deve tardar.

Sentimo-nos felizes pela concordância que se estabeleceu entre o prof. Vallois e nós mesmos, independentemente um do outro.

M. C.

D. PEYRONY — *Les abris Lartet et du Poisson à Gorge-d'Enfer (Dordogne)* — «L'Anthropologie», t. XLII, Paris, 1932; *Station préhistorique de la Gare de Couze ou de Saint-Sulpice-des-Magnats* — «Bull. de la Soc. Historique et Archéol. du Périgord», Périgueux, 1932; *Paléolithiques supérieurs européen et africain, rapports entre eux* — «Rev. Anthropologique», XLII, Paris, 1932.

O distinto conservador do Museu de Les Eyzies, faz, no primeiro dos trabalhos acima indicados, um estudo dos abrigos Lartet e do Peixe, daquela região tão interessante para a pre-história, e expõe os resultados das escavações a que procedeu ali, desde 1918 e 1917 respectivamente.

O abrigo Lartet fornecera aos seus primeiros exploradores uma indústria do aurinhacense médio. M. Peyrony encontrou uma indústria da mesma data e ainda algumas peças do aurinhacense inferior, além duma fauna constituída sobretudo pela Rena e Cavallo, e, na base, por 4 molares de *Rhinocerus tichorhinus*, um canino de Urso das cavernas e uma corôa de canino de Leão.

O abrigo do Peixe, famoso pela inscultura dum peixe que apresenta na abóbada e que Peyrony teve a gentileza de me mostrar em 1931 por ocasião duma inesquecível visita ao seu Museu

e a algumas estações próximas, forneceu, nas novas explorações, duas camadas arqueológicas, uma do aurinhacense médio (horizonte das pontas de base fendida) e outra do aurinhacense superior (tipo de Noailles e de Font-Robert). A camada inferior continha, além de outros objectos, um bastão perfurado em chifre de rena. No entulho resultante das escavações anteriores e de lascas caídas da abóbada, apareceram algumas pedras gravadas e pintadas, com figuras animais. O baixo-relêvo do peixe no teto do abrigo é dado por Peyrony como do aurinhacense final, apesar de sugerir a impressão da técnica madalenense.

No segundo trabalho, o A. descreve as suas escavações numa pequena gruta e dois abrigos na margem direita do Dordogne, junto da gare de Couze. A caverna e o abrigo ocidental continham uma industria atribuível ao madalenense superior. O abrigo oriental continha um variado material do musteriense superior, com predomínio do musteriense de tradição acheulense, e fauna dum clima mais frio do que o do pleno musteriense. Havia ainda nêste último abrigo algum aurinhacense superior e algumas peças do madalenense superior.

O terceiro trabalho tem um interêsse muito especial para os estudos da pre-história do S. da Europa. O A. mostra a semelhança entre as peças numerosas do capsense ou getuliense norte-africano e outras do aurinhacense inferior europeu (nível das pontas de Chatelperron) e do azilense do Périgord. A Sicília (apesar da dificuldade oposta por Vaufray com o estabelecimento de que a separação faunística entre aquela ilha e a África do N. já existia no paleolítico superior) teria, para o homem aurinhacense, servido de passagem, na opinião de Peyrony fundada no estudo das indústrias líticas respectivas.

O tipo antropológico de Combe-Capelle, diferente do de Cro-Magnon e afim dos de Brünn, Predmost e Mehta-El-Arbi, daria, segundo o A., uma prova das relações africano-europeias no aurinhacense inferior. Influências africanas, vindas do NO., se manifestariam no azilense pirenaico. A cultura ibero-maurusiana é aparentada com o tardenoisense.

M. C.

COMTE BÉGOUEN & HENRI VALLOIS — *Un cubitus percé d'une flèche en silex* — «Anthropologie», X, Praga, 1932.

Perante um cúbito humano atravessado por uma ponta de flecha de silex, cúbito existente nas colecções arqueológicas do

Museu de Toulouse, dividiram-se as opiniões dos homens de ciência: uns afirmavam que a ponta de sílex penetrara o osso motivando um trabalho completo de reparação óssea; outros pretendiam que a ponta apenas tocara o perióstio e que êste, irritado, produzira substância óssea que envolvera o sílex, dando a impressão duma ferida penetrante do osso pela arma pre-histórica.

Retomando o estudo do assunto, com o auxílio da radiografia, os AA. concluem favoravelmente aos primeiros. O sílex penetrou no cúbito levantando uma esquilula que depois se soldou ao resto do osso. As partes ósseas neoformadas não excedem em largura a própria esquilula, tendo havido portanto reabsorção modelante, o que prova que decorreu muito tempo depois da ferida e não houve talvez muita supuração. A morte do indivíduo foi portanto devida a uma causa diversa da ferida do antebraço.

Numa estampa os AA. apresentam outros ossos do Museu de Toulouse atravessados por peças pre-históricas de sílex.

M. C.

EUGÉNIO JALHAY — *¿Serão pré-asturienses as estações pré-históricas do litoral galaico-minhoto?*, sep. da revista «Brotéria», vol. XVI, fasc. II, 9 págs., Lisboa, 1933; *Alguns raspadores da indústria galaico-minhota de tipo asturiense*, sep. da «Revista de Arqueologia», tomo I, fasc. IV, 4 págs., Lisboa, 1933.

A multiplicidade de achados, no litoral galaico-português, da indústria do tipo asturiense, a diversidade tipológica dos seus instrumentos, ou melhor, o facto de, a par dos picos asturienses característicos, aparecerem e até por vezes predominarem instrumentos líticos de indústria indubitavelmente paleolítica (Campasancos, Carreço), a ausência de elementos faunísticos, e o aparecimento de picos em estações muito mais recentes, como por exemplo em certos castros e citânias, tornam bastante complexo o problema da cronologia daqueles documentos do litoral galaico-minhoto.

O A. atendendo ao facto de em certas estações meridionais desta indústria, ou sejam estações portuguesas e da Galiza, aparecerem instrumentos líticos que pela sua morfologia e posição estratigráfica são nitidamente paleolíticos, e pelo contrário à medida que se avança para o norte (Astúrias, Morbihan, etc.) aparecerem, a par dos picos asturienses, elementos de culturas posteriores, mesmo do eneolítico, conclue com muita lógica que as estações

da indústria do tipo asturiense da nossa província do Minho e do sudoeste da Galiza, são duma data mais remota que a do asturiense clássico das Astúrias — são, «falando com todo o rigor, pré-asturienses».

É curioso acentuar que esta tese, agora defendida com certo número de argumentos probantes, tinha sido, como o sr. padre Jalhay informa, pressentida pelo nosso malgrado colega dr. Rui de Serpa Pinto, quando êste nosso saudoso companheiro de trabalho dizia a pág. 39 do seu belo estudo *O asturiense em Portugal* («Trabalhos da Soc. Port. de Antr. e Etn.», vol. IV, fasc. I, Pôrto, 1928): «nas estações atlânticas aparecem instrumentos do paleolítico inferior e talvez do superior, o que faz pensar que sejam pré-asturienses como as da Catalunha». Mas da coexistência de picos e de instrumentos paleolíticos, devemos concluir pelo envelhecimento do asturiense galaico-português, ou, como já em 1928 aventou o prof. Mendes Corrêa (*A Lusitânia Pré-romana*, «História de Portugal», vol. I, pág. 116, Barcelos, 1928), pelo rejuvenescimento dos exemplares de morfologia paleolítica, ou ainda pela separação cronológica das duas indústrias?

Confessamos a nossa dúvida, que a falta de elementos estratigráficos e a possibilidade de factos de convergência, como o A. por exemplo assinala em relação à Irlanda, intensificam.

O segundo trabalho é uma nota descritiva de duas lascas de quartzite retocadas numa grande zona do respectivo bordo, de modo a afeiçoarem-se em raspadores. Foram encontradas pelo A., uma na estação de La Guardia, a outra na estação portuguesa de Âncora.

O sr. padre Jalhay compara êstes dois raspadores com dois outros inteiramente semelhantes que pelo ilustre arqueólogo espanhol Conde de la Vega del Sella foram descobertos na gruta de Balmori na costa cantábrica entre instrumentos ípico da camada inferior da gruta (solutrense).

SANTOS JÚNIOR.

FLORENTINO LOPEZ CUEVILLAS — *Los brazaletes posthallstáticos del noroeste hispánico* — Sep. do n.º 24 do «Archivo Español de Arte e Arqueología», 12 págs., 4 figs. e 2 ests., Madrid, 1932.

Inventário sintético dos braceletes de ouro, cobre e vidro, aparecidos na área geográfica dos antigos conventos jurídicos de *Asturica*, *Bracara* e *Lucus*.

Cuevillas, laborioso e incansável arqueólogo galego, informa-nos das condições e data do aparecimento de cada uma dessas lindas jóias pre-romanas, algumas inéditas e outras já conhecidas e mais ou menos estudadas.

Entre as últimas avulta o riquíssimo bracelete de Lebução, Valpassos, Trás-os-Montes, acêrca do qual o seu proprietário, o eng.º Ricardo Severo, publicou em 1906 uma circunstanciada notícia no vol. II da «Portugália».

A propósito de cada uma das jóias estudadas, Cuevillas faz eruditos comentários que o levam a enfeixá-las num grupo, cuja cronologia o título do próprio trabalho indica.

São interessantes as notas críticas que ao A. sugeriu o fragmento de bracelete de vidro da Cidade de Terroso, Póvoa de Varzim. Este fragmento é, até à data, exemplar único e conserva-se no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto.

As considerações feitas pelo A. sobre esta jóia de vidro, teem o maior interesse, pois que são ainda obscuros muitos dos problemas que dizem respeito à indústria pre-histórica do vidro, sua procedência, introdução e vias de dispersão na Europa e particularmente na Península Ibérica.

S. J.

MAURICE REYGASSE — *Contribution à l'étude des gravures rupestres et inscriptions tifinar du Sahara Central* — 1 vol. de 98 págs. e numerosas estampas e figuras. Alger, 1933.

O eminente pre-historiador de Argel dá-nos neste importante volume uma grande quantidade de gravuras rupestres e inscrições tifinar do Saará Central que foram por êle descobertas em 1928. Antes, faz, porém, uma detalhada resenha bibliográfica sobre os documentos do género, da mesma região, que já tinham sido publicados. A reprodução do alfabeto líbico e tifinar, de Duveyrier, facilita as tentativas de decifração das inscrições recolhidas. O prof. Reygasse publica também algumas marcas de propriedade que viu em camelos dos Tuareg. Apesar de tudo, embora os Tuareg ainda utilizem os velhos caracteres líbicos pouco modificados e possam dar um valor fonético a cada carácter das inscrições rupestres arcaicas, o sentido destes textos escapa-lhes, como sucede aos investigadores europeus.

O A. faz considerações várias sobre a cronologia provavel dos documentos encontrados e sobre as suas relações com aná-

logos materiais doutras regiões como a África do Sul e a Espanha.

As semelhanças entre alguns sinais do Hoggar e certos sinais da arte rupestre e dalgumas inscrições peninsulares, são, na verdade, impressionantes. Impor-se-ia um estudo comparado especial.

M. C.

A. A. MENDES CORRÊA — *As origens da cidade do Porto* — «Estudos Nacionais», N.º XIV, 54 págs., 12 figs., Gaia, 1932.

«Antigamente sobre o Douro foi povoado o castelo de Gaia, e por aportarem ali mercadores em navios e assim pescadores por o rio dentro e ancorarem e estenderem suas redes da outra parte do rio para isso mais conveniente, se povoou outro lugar, que se chamou Pôrto, que ora é cidade mui principal, donde, ajuntados êstes dous nomes, foi chamado Portugal.»

Este trecho da crónica de Afonso Henriques, deixa transparecer a maior antiguidade de Gaia em relação ao Porto.

Esta tese pela qual o burgo do Porto teria resultado dum desdobramento da povoação — mais antiga — de Gaia, foi, pode dizer-se, quasi geralmente aceite, se bem que vários autores, desde o século XVI até aos nossos dias, a tivessem contestado.

Duarte Nunes de Leão, Gaspar Estaço, D. Rodrigo da Cunha, Contador de Argote, Rebelo da Costa, Alexandre Herculano, João Pedro Ribeiro, Alberto Sampaio, o Prof. Ricardo Jorge e muitos outros aceitaram e defenderam a tese que referimos.

Entre os poucos que se pronunciaram contra, localizando Cale ao norte do rio Douro e atribuindo portanto ao burgo portuense uma maior antiguidade em relação a Gaia, figuram o beneditino Pereira de Novais, Simão Rodrigues Ferreira, Hübner, Vergílio Correia e Leite de Vasconcelos.

Há sem dúvida argumentos, ao menos aparentes, que permitiriam fundamentar a hipótese da localização de Cale ao sul do Douro.

O A. analisa serenamente cada um desses argumentos, dentre os quais avulta o da aparente afinidade verbal de *Cale* com Gaia, que logo a seguir prova não existir de facto.

Com um raciocínio calmo e seguro escarpelisa um a um os vários argumentos, demonstrando que nenhum deles prova suficientemente a tese da maior antiguidade de Gaia em relação ao burgo portuense.

Vêm depois as provas nas quais se estabelece firme alicerce para dar à velha *Cale* uma localização a norte do Douro.

São provas fornecidas pelos antigos textos. É mesmo uma muito maior riqueza arqueológica da região hoje ocupada pela cidade e pelos seus arredores septentrionais.

São as indicações toponímicas fornecidas pela designação de *Cividade* dada num documento de 1521 a um sítio *desta cidade*. O topónimo caíra desde então no esquecimento e ninguém até agora surgira a dar-lhe o verdadeiro valor.

Entre as razões que o Prof. Mendes Corrêa invoca a favor da localização de *Cale* ao N. do Douro avulta a fornecida pelo texto de Salústio, o mais antigo texto conhecido em que ha referência a *Cale*, e no qual se lê «*Cales civitas in campania est et in Gallaecia hoc nomine quam Sallustius captam a Perperna commemorat.*» (pág. 30).

Quer dizer, e é o próprio A. que o salienta, «no séc. I a C., *Cale* ou *Cales*, como *civitas* da Galécia, era localizada ao N. do Douro (visto que o rio era o limite meridional daquela região) e já desempenhava um papel histórico importante nas guerras de Sertório».

No séc. V vem em Idácio a primeira referência a *Portucale* e, segundo João Pedro Ribeiro, já no séc. VI se conhecem, com segurança histórica, bispos portucalenses.

O A. estuda a origem e a evolução de *Portucale* que foi tendo uma importância sucessivamente crescente, servindo porcerto de pôrto de *Cale* sôbre o Douro. É lógico admitir que o primitivo *Portucale* estaria localizado em sítio não longe da actual Ribeira, certamente na confluência do Rio da Vila com o Douro.

Aborda o A. em seguida o interessante problema do *Portucale castrum antiquum* e do *Portucale castrum novum* mencionados nas actas do concílio de Lugo, que a crítica histórica mostrou terem sido escritas três a quatro séculos mais tarde.

As investigações a que o Prof. M. C. se entregou para a localização da *Cividade*, permitiram-lhe assentar em que *Portucale castrum novum*, o castelo ou burgo episcopal, assente na Pena Ventosa no local que hoje ocupa a Sé, era distinto da velha *Cale* correspondente à elevação da *Cividade*, e do primitivo *Portucale* da Ribeira.

A última parte do trabalho compreende o capítulo intitulado «*A localização da Cividade; primeiras escavações*».

Baseado nas primeiras indicações fornecidas pelos documentos pôde o Prof. M. C. localizar a *Cividade* perto de S. Bento, sem contudo estabelecer com segurança qual o môrro ou cabeço onde se teria erguido êsse agregado primitivo.

Um novo documento de 1519 falando «na viela que vai da travessa do Souto para a cidade de sôbre os Pelames», conduziu o A. à perfeita solução do problema.

Assim o Prof. M. C. foi descobrir em pleno coração do Pôrto, pelas indicações dos textos e do toponímia, um alto com optimas condições topográficas duma citânia ou cidade, de encostas escarpadas, que o casario oculta completamente.

Esse monte fica situado a sul da estação de S. Bento entre a calçada do Corpo da Guarda e a Rua Chã, separado da eminência da Sé pelo vale da rua Escura, e sendo ladeado a O. pelo vale do Rio da Vila.

As primeiras escavações feitas no alto dêsse monte hoje ocupado por casas e quintais, não deram elementos que permitissem juntar uma confirmação arqueológica às indicações dos documentos históricos, toponímicos e topográficos, que justificam a tese do Prof. Mendes Corrêa. Mas essa confirmação não é indispensável para se considerar esta como fundada.

S. J.

LOTHAR WICKERT — Bericht über eine zweite Reise zur Vorbereitung von CIL II SUPPL. 2 — Sonderausg. aus den «Sitzungsberichten der Preuss. Akad. der Wissenschaften» — Berlin, 1931.

O dr. Lothar Wickert reuniu em Portugal e Espanha em 1931 novos materiais epigráficos para um segundo suplemento ao *Corpus* de Hübner. No presente trabalho faz uma resenha sumária dos resultados da sua frutuosa jornada na Península. No nosso país, deteve-se sucessivamente em Faro, Beja, Lisboa, Castelo Branco, Coimbra, Viseu, Pôrto, Bragança, Guimarães e Braga.

Com justiça o A. se refere ao esforço do prof. Leite de Vasconcelos, organizador da bela colecção epigráfica do Museu Etnológico, mas não esquece outros Museus e mesmo investigadores locais isolados. Detem-se na análise da célebre inscrição de Aljustrel (*metalli Vipascensis*) de que dá uma leitura sua. Depois de se referir à série de grafitos latinos do Museu Antropológico do Pôrto, põe em relêvo o interesse da inscrição de Grilo, publicada por Crispiniano da Fonseca num jornal e da qual lhe fôra dada notícia pelo malogrado investigador Rui de Serpa Pinto. Muitos outros documentos epigráficos recolheu no nosso país.

O dr. Wickert, tendo visitado Ciudad Rodrigo e Salamanca, num intervalo da sua viagem no centro de Portugal, alude à coleção de placas de xisto com sinais «enigmáticos», pertencente ao padre Serafin Tella, coleção a que nos referimos em 1929 no Congresso do Progresso das Ciências, de Barcelona, no discurso inaugural da secção de Ciências Históricas (v. respectivo volume do Congresso) e da qual também se ocupou Cabré num artigo, em 1930, nas Actas e Memórias da Sociedade Espanhola de Antropologia. Voltámos a tratar do assunto em 1931 no Congresso de Antropologia de Paris, devendo publicar-se em breve esta comunicação.

O dr. Santos Júnior encontrou, há poucos meses, frizantes afinidades entre os sinais enigmáticos de Lerilla e alguns espécimes de arte rupestre de Trás-os-Montes. Mas não é agora o lugar para tratar do assunto, visto que o trabalho do dr. Wickert se refere a epigrafia latina. É certo, porém, que o distinto investigador alemão recorda, a propósito das inscrições do rev. Tella, o que Hübner dizia nos *Monumenta Linguae Ibéricae* a propósito da inscrição de Cardenosa (prov. de Ávila): «Subest titulus genuinus sive Latinus sive Ibericus sive Cusinus; sed nihil intellego».

M. C.

GERRIT S. MILLER — *Humain hair and Primate patterning* — «*Smithsonian Miscellaneous Collections*», vol. 85, n.º 10, Washington, 1931.

O ilustre mamologista do Museu Nacional dos Estados Unidos examina no Homem e nos Primatas a distribuição de áreas diferentemente coloridas no revestimento piloso, o desenvolvimento desse revestimento nas várias partes do corpo e a combinação dessas diversidades de desenvolvimento com as de coloração. Conclui, com exemplos bem sugestivos de que dá excelentes gravuras, que não é possível estudar, como alguns autores teem feito, o assunto no homem, independentemente dos outros Primatas. Há caracteres comuns que é preciso tomar em conta.

M. C.

M. B. BARBOSA SUEIRO — *A morfogenia de algumas variações raquidianas no Homem* — Lisboa, 1933, 1 vol. de 285 págs., com 121 figs.

Como dissertação de concurso, o Sr. Dr. Barbosa Sueiro, que no Instituto de Anatomia de Lisboa, onde há alguns anos trabalha, se tem principalmente dedicado ao estudo das variações ósseas do ráquis, publicou uma obra, subordinada ao título acima mencionado.

Para a sua elaboração, utilizou o A. abundante material não só daquele Instituto, mas ainda o da preciosa coleção osteológica Ferraz de Macedo (Museu Bocage da Faculdade de Ciências), e as vértebras prè-históricas do Museu de Paleontologia humana dos Serviços Geológicos de Portugal. E para bem apreender as semelhanças e diferenças entre as vértebras humanas e as dos restantes Vertebrados, estudou também esqueletos de Peixes, Batráquios, Aves e Mamíferos que existem no Museu Bocage.

Na primeira parte expõe a teoria do arquetipo vertebral de Owen e as modificações que nela foram introduzidas por Baur, cujo esquema adopta, mas modificando-o de forma a ser aplicado a todos os casos.

Com a teoria do arquetipo vertebral, o A. deseja mostrar que com ela está de acôrdo a morfologia raqui-costal de tóda a escala dos Vertebrados, incluindo o Homem, havendo, pois, para êste segmento do corpo uma unidade morfológica — o arquetipo vertebral.

No ponto de vista ontogénico, descreve rápidamente o desenvolvimento do ráquis nos Vertebrados e mostra que, na ossificação do segmento vértebro-costal humano, os núcleos se dispõem segundo o esquema do arquetipo vertebral.

Na segunda parte do trabalho, o Dr. Barbosa Sueiro faz a aplicação da referida teoria na interpretação de muitas variações raquidianas no Homem.

No segmento cervical, estuda as variações do arco vertebral por deficiência de ossificação, a deiscência dos buracos transversários, o buraco e a chanfradura retro-transversários do atlas, a multiplicidade dos buracos transversários, o buraco e a chanfradura prè-transversários da 6.^a e da 7.^a vértebras cervicais, as costelas cervicais (toracização ou dorsalização das vértebras cervicais), as irregularidades morfológicas das apófises transversas da 7.^a vértebra cervical, e ainda variações associadas; no segmento torácico, estuda o buraco e chanfradura transversários das vértebras (cervicalização das vértebras), as variações das raízes costais e variações associadas.

No ráquis lombar humano, analisa as variações do arco vertebral, as costelas lombares, os buracos, canal e chanfradura costiformes, além de outras variações dos apêndices costiformes e do buraco e chanfradura rétro-costiformes e variações associadas.

Em seguida, trata da deiscência do canal sagrado e do canal sagrado acessório.

Tôdas estas variações, de que fez um pequeno estudo estatístico, confrontando as suas observações com as de outros anatómicos, são interpretadas pelo A., referindo-as ao arquétipo vertebral que propõe.

Sobre a significação geral das variações raquidianas, adopta Barbosa Sueiro a opinião de Peters que as julga consistirem em variantes no processo germinativo e não resultantes de processos transformativos, no decurso da ontogénese. «Estas variantes (escreve o A.) podem agrupar-se em duas classes, as que resultam da multiplicação ou redução da segmentação originária e as que resultam de deficiências do próprio plasma germinativo. Mas, quer num quer noutro caso, as variantes executam-se segundo as directrizes marcadas pela morfologia arquitectural do esquema do arquétipo vertebral.»

A bibliografia com que o trabalho termina é bastante rica.

Quiz o A. neste seu trabalho, guiado pela ideia teórica do arquétipo vertebral, explicar as variações raquidianas de todos os Vertebrados, incluindo o Homem, nos vários segmentos da coluna, agrupando assim, num trabalho de síntese, as observações que detalhadamente fizera, e já em grande parte havia descrito e publicado.

E fê-lo, como afirma, convencido de que, se teorizar em excesso é prejudicial em Ciência, laborar apenas num sentido estreitamente objectivo e descritivo é negar o próprio método científico. «Não basta fazer análise para se praticar uma ciência, é preciso também conceber sínteses». E salienta a vantagem do simbolismo nas ciências, por possuir «o subido valor de exprimir as sínteses numa maneira altamente eficaz, porque fala aos sentidos com a maior eloquência.»

Assim é, realmente, quando essas sínteses se apoiam em factos rigorosamente observados e criteriosa e escrupulosamente julgados. E já dizia Manouvrier que são sobretudo os factos *explicados* que constituem propriamente a Ciência.

HERNANI MONTEIRO.

VICTOR FONTES — Os músculos intrínsecos da mão nos portugueses de condição humilde — Lisboa, 1933, 1 vol. de 288 págs., com 153 figs.

Como tese de concurso a uma vaga de professor auxiliar de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, acaba o Sr. Dr. Vitor Fontes de publicar um extenso trabalho acerca dos músculos intrínsecos da mão, elaborado no Instituto de Anatomia lisboense, da sábia direcção do distinto professor Sr. Dr. Henrique de Vilhena.

Esta obra é apenas um capítulo de um estudo a que, desde alguns anos e nos pontos de vista antropológico, morfológico, fisiológico e psicológico, se entrega o autor, no desejo de conhecer, no seu conjunto, a mão, segmento do corpo humano, a que, há tantos séculos, Galeno, no seu Tratado «De usu partium», entoou um hino magnífico, e de que ainda há pouco o alemão Peters, — estudando a idade evolutiva e a constituição dos tecidos da mão — escreveu ser nele múltipla a expressão da idade, do sexo, e do carácter. Na mão (diz Peters) gravam-se, como no rosto, as alegrias e os sofrimentos da vida, porque rosto e mão constituem, do corpo inteiro, os segmentos mais expressivos e que melhor traduzem as manifestações intelectuais.

E, no dizer do autor alemão, o mais fiel servidor do cérebro, o intermediário inteligente entre idea e realização, entre o indivíduo e o mundo exterior, o princípio da forma, o instrumento mais maravilhoso de toda a criação, o órgão que dá vida à idea, é a mão!

O Dr. Vitor Fontes, para o largo estudo que promete, deseja ainda, das investigações que está realizando, tirar ensinamentos úteis na prática clínica, pelas aplicações médicas e cirúrgicas a que podem conduzir.

No trabalho, cujo aparecimento agora assinalamos, trata o autor apenas da miologia intrínseca da mão nos portugueses de condição humilde, para o que dissecou cuidadosamente 200 mãos (50 cadáveres masculinos e 50 femininos), e ainda, para comparação, mãos de indivíduos africanos de raça negra e de cinco macacos «*Cercopithecus mona*».

Na primeira parte do trabalho, o A. estuda a miologia intrínseca da mão, isto é os músculos da região ténar (curto abductor do polegar, curto flexor, oponente e adutor), e da região hipoténar (palmar cutâneo, abductor do mínimo, curto flexor e oponente), deixando, por ter de apresentar a tese um praso certo, para publicação ulterior os músculos da região média (lombricoides e interósseos palmares e dorsais).

Para cada um daqueles músculos, descreve o tipo mais vulgar ou habitual (situação, inserções, relações, etc.), em seguida as suas variações, — sem esquecer as variações à direita e à esquerda e as que se relacionam com o sexo e com a idade —, e por último analisa a respectiva acção, que é extremamente complexa, aludindo à influência que as variações anatómicas de cada músculo podem ter nos movimentos habituais.

Depois deste circunstanciado estudo analítico, o A., na segunda parte do trabalho, ocupa-se do aspecto funcional da mão, isto é « a apreciação do conjunto dos movimentos que a mão executa e que, sendo de facto consequência dos movimentos parciais, tem no entanto um valor funcional diferente ».

Começa por nos dizer qual a posição descritiva da mão, para estudar em seguida a mão no estado de repouso e os seus movimentos intrínsecos. Passa em revista os movimentos do polegar e os dos quatro últimos dedos, e termina por mencionar certos movimentos menos habituais dos dedos, de origem constitucional ou adquiridos, e movimentos anormais, fechando com algumas conclusões de ordem geral e com uma extensa Bibliografia.

Devo salientar que o A., para estudo dos movimentos dos dedos e da mão, ideou um processo que lhe permitiu avaliar a dinâmica da mão. Assim obteve curiosos *moldes do movimento*, metendo a mão numa massa plástica, e efectuando aí os movimentos que pretendia estudar. « Conseguida a fôrma (são palavras do A.), tirávamos a mão, tendo o cuidado de não alterar os vazios correspondentes aos espaços que os dedos tinham percorrido; repúnhamos a fôrma e vasavamos-lhe então gesso para fazer o molde. Assim obtivemos interessantes moldes onde vimos fixadas as fases sucessivas dos movimentos executados. Eram como que *sólidos de revolução* em que as *geratrizes* eram os próprios dedos ».

Esses moldes, reproduzidos no trabalho, foram apresentados no recente Congresso da *Association des Anatomistes* (Lisboa, Abril de 1933).

Também para apreciar a orientação dos dedos, à medida que se movem, imaginou o A. um outro processo engenhoso, que consiste em obter diagramas, que igualmente se veem reproduzidos no livro, havendo ainda, na intenção de documentar o mais possível o seu trabalho, obtido ergogramas dos movimentos de oposição e adução do polegar.

Novos estudos sobre a mão nos anuncia o Dr. Vitor Fontes, alguns dos quais já em publicação.

Da leitura do livro fiquei com a impressão de que as investigações do A. confirmam a tese daqueles que dizem não haver o *Homem*, mas *homens*, e juntando a este conceito o critério, que

o A. também segue, de relacionar a Fisiologia a tais pesquisas, concluiremos que o estudo do Dr. Vitor Fontes vem dar razão aos cientistas que (se não fôra o uso havê-la consagrado) entendiam dever substituir-se a clássica designação de *Anatomia humana* pela (mais lata e exacta) de *Morfologia dos homens*, visto que o fim a que o morfologista se propõe, não é apenas o de conhecer pela dissecação o organismo feito cadáver, mas sim conhecê-lo vivo, utilizando para isso tôdas as modernas técnicas semióticas, endoscópicas, radiológicas, experimentais, etc.

H. M.

K. SALLER UND F. MAROSKE — *Chemische und genetische Untersuchungen an menschlichen Pigmenten, speziell denjenigen des Haares* — Extr. de « *Zeitschrift fuer Konstitutionslehre* », Berlim, 1932.

Dão-nos os AA. os resultados das investigações químicas e genéticas que fizeram em pigmentos humanos, principalmente no do cabelo.

Estudam as espécies dos pigmentos, as relações entre os pigmentos e a cor dos cabelos, o parentesco dos pigmentos entre si, bem como o processo do embranquecimento e o albinismo parcial. A hereditariedade dos cabelos ruivos, as relações genéticas entre os castanhos ruivos e albinismo e ainda as correlações nos cabelos ruivos também foram analisadas detalhadamente.

Concluem os autores por afirmar que há 2 pigmentos: um castanho escuro e outro vermelho amarelado, o primeiro granuloso e o segundo em distribuição difusa. A cor da pele nos indivíduos de cabelo ruivo é desde branca amarelada até branca carminada, as sobrancelhas e pestanas geralmente louras ou louras ruivas; a barba é sempre ruiva. Os olhos azuis estão correlacionados tanto com os cabelos ruivos como com os louros.

A. ATAÍDE.

F. KISS — *Les rapports entre le pneumogastrique et le grand sympathique* — « *Archives du Museum d'Histoire Naturelle* », tomo VII, Paris, 1931.

O Prof. F. Kiss, da Universidade de Szeged (Hungria), que tem dedicado muito particularmente a sua atenção ao estudo dos

nervos pneumogástrico e simpático e suas relações, chegou à conclusão de que o tão falado sistema para-simpático carece de base anatômica.

Iniciou as investigações a tal respeito, examinando histologicamente no Homem, pelo seu método especial de coloração pelo ácido ósmico, as diferentes partes do tronco e dos ramos do pneumogástrico, as anastomoses entre o gânglio plexiforme e o gânglio cervical superior, os nervos cardíacos, etc. a que mais tarde juntou o exame histológico dos gânglios cranianos no Homem e em diferentes Mamíferos (III Reunião plenária da Sociedade Anatômica de Paris, 1931, e *Journal of Anatomy*, Julho de 1932).

Depois, dissecou cuidadosamente, em Paris, grande número de Mamíferos, Aves, Reptis, Anfíbios e Peixes da opulenta colecção do Laboratório de Anatomia Comparada do prof. Anthony, para estudo das relações entre aqueles nervos, e, conjugando todos os os elementos colhidos nas suas investigações, concluiu que os ramos cardíacos e abdominais do pneumogástrico se compõem sobretudo de fibras — simpáticas — cuja origem está fora do X par, não oferecendo, pois, tais ramos nenhuma base anatômica que permita supôr a existência de fibras para-simpáticas. E assim, os fenómenos chamados «para-simpáticos» devem ser considerados como fases negativas do simpático.

Para o prof. Kiss, cujo trabalho de que estamos dando notícia, é ilustrado com 49 figuras, não há diferença essencial entre as relações do pneumogástrico e do simpático e as relações entre os nervos espinais e o simpático. Com as suas investigações anatómicas e histológicas julga provar que as vísceras são inervadas por ramos sensitivos cérebro-espinais e ramos motores e secretórios simpáticos.

H. M.

THORDAR QUELPRUD — *Über Zwillingsohren* — «*Zeitschrift für Ethnologie*», 64. Jahrgang, 1932; id., *Untersuchungen der Ohrmuschel von Zwilling* — «*Zeitschrift für induktive Abstammungs und Vererbungslehre*», Band LXII.

O A. fez as suas investigações no Instituto Imperador Guilherme de Antropologia, Hereditariedade humana e Eugenia, de Berlin-Dahlen (director, prof. Dr. E. Fischer), na secção de Hereditariedade chefiada pelo Dr. Fhr. v. Verschuer, ilustre especialista no estudo dos gémeos.

Nêstes dois trabalhos, ocupa-se o sr. Quelprud dos caracteres do pavilhão auricular nos gémeos. Fez observações em mais de 30 pares de gémeos univitelinos, em mais de 25 pares de gémeos bivitelinos do mesmo sexo e ainda em casais de gémeos, verificando uma nítida inferioridade das diferenças médias nos primeiros em relação aos segundos e terceiros para tôdas as medidas lineares e angulares.

Estas diferenças são estudadas pelo A., em cada par de gémeos, entre as orelhas do mesmo lado e entre as orelhas dos lados contrários, e, em cada pessoa, entre as duas orelhas.

M. C.

HENRI V. VALLOIS — *L'humérus des Fuégiens* — «*Anthropologie*», X, Praga, 1932.

O ilustre professor de Toulouse estudou 28 húmeros de Yahgan, existentes no Instituto de Antropologia de Florença, e examinou também 26 exemplares das colecções romanas, que foram objecto da recente descrição de Jazzeta. Confrontando ainda os seus resultados com os de outros autores, concluiu que os húmeros foguinos apresentam uma grande homogeneidade e caracteres morfológicos especiais como: forte encurvamento, para dentro, da metade superior da diáfise; desenvolvimento extraordinário do V deltoideu, com acentuada platibraquia; muito baixo ângulo de torsão; ângulo de divergência muito elevado; etc. O tipo humeral dos Foguinos é muito diverso dos dos Negros e Australianos, aproximando-se mais dos húmeros das raças amarelas e dos Índios da América. São muito interessantes as suas afinidades com o humero esquimó e com os húmeros doutras populações árticas da América e do NE. da Ásia. O A. pergunta se essas afinidades serão atribuíveis a um idêntico modo de vida ou a um certo parentesco étnico?

Esta última hipótese já foi posta por alguns autores, em face doutros caracteres.

M. C.

KAARLO HILDEN — *Weitere Beitrag zur Kraniologie Feuerlander* — Extr. de «*Acta geográfica*», IV, N.º I, Helsingfors, 1931.

O A. apresenta o estudo que fez dum crânio indiano da terra do Fogo colhido pela expedição da Sociedade de Geografia da

Finlândia. Os caracteres deste exemplar coincidem com os de outros já estudados, devendo salientar-se que também este apresenta bastantes caracteres primitivos, tanto no neurocrânio, como no splanocrânio, que indicam ligações ancestrais entre esta população e as das linhas austromelanésicas, confirmando assim os resultados a que tinham chegado outros investigadores.

A. A.

FELIX REGNAULT — *Il n'y a pas une race juive* — «Revue Anthropologique», XLII ano, Paris, 1932.

Nem sobre os dados históricos, nem sobre a patologia, nem sobre a antropologia, se pode hoje admitir a existência duma *raça judaica*. Os estudos sorológicos de Kossowitch e Benoit veem confirmar essa tese. O dr. Regnault diz que anatomicamente há tantas raças judaicas como os paízes que os Judeus habitam. Psicologicamente, a única afinidade que une todos os Judeus, é a sua religião. Eles não falam a mesma língua, não teem os mesmos costumes, as mesmas ideias. Pode-se dizer que os Judeus formam uma etnia somente religiosa.

M. C.

K. SALLER — *Die Probstei (Kreis Plon)* — Extr. de «Zeitschrift fuer Morphologie und Anthropologie», vol. XXXI, fasc. 2.

É uma investigação antropológica em Probstei, região situada no Mar Báltico junto de Kiel. O autor observou 2.000 indivíduos desde a idade dos 6 anos. Observou a modificação dos caracteres com a idade, bem como as diferenças sexuais, e calculou diferentes correlações, que eram mais elevadas entre as medidas do corpo que entre as do corpo e as da cabeça. Entre estas últimas eram mais fortes as calculadas entre as larguras e ainda entre as diferentes alturas da face.

A pigmentação apresentou-se independente dos diferentes caracteres métricos.

Segundo os resultados do A. trata-se duma população de estatura elevada, mesaticéfala, de face relativamente larga, olhos azuis e fraco excesso de cabelos castanhos escuros, o que a aproxima mais das populações do Báltico oriental do que de outras nórdicas como sejam suecos e noruegueses.

A. A.

OLIVEIRA VIANA (F. J. DE) — *Formation ethnique du Brésil colonial* — Extr. «Revue d'Histoire des colonies», N.º 5, págs. 433-450, Paris, 1932.

Este eminente e laborioso etnólogo brasileiro, que tantos e tão belos trabalhos nos tem dado sobre o problema complexo da etnogenia do Brazil, aborda no trabalho presente o estudo da influência que as ondas colonizadoras dos negros de África e dos brancos exerceram na população indígena.

Mercê de condições especiais de geografia humana ainda hoje se encontram no Brazil os tipos característicos de cada uma das três entidades raciais: negra, indígena e branca.

Os negros viviam na sua grande maioria nos *engenhos*, ou sejam fábricas de assucar exploradas pelos brancos. A sua situação de escravos mantinha-os condensados nesses núcleos industriais, num estado de pureza étnica.

Os índios, após a chegada dos escravos de África, abandonaram os engenhos e passaram a viver em *aldeias* situadas à roda dos engenhos e das grandes fazendas de exploração agrícola. Nestas aldeias os índios viviam aglutinados e mais ou menos libertos de cruzamentos estranhos. Esta independência era tal que ainda hoje é possível encontrar, mesmo no sul do Brazil, aldeias indígenas com uma pureza de sangue como a dos períodos anteriores à descoberta, conquista e colonização. Estes agregados de raça indígena pura constituem aquilo a que o A. chama e bem, verdadeiras ilhas étnicas.

Os brancos, geralmente senhores de largos bens materiais em propriedades agrícolas e em *engenhos*, constituíam uma verdadeira aristocracia que se mantinha quasi absolutamente estranha a cruzamentos com negros ou indígenas. Um ou outro mestiço era rapidamente absorvido por qualquer dos tipos dominantes que o originava.

Num último capítulo o A. estuda a função etnogenética das regiões costeiras, duma espécie de zona marginal, intermediária à área dos *engenhos* e das aldeias.

Nesta zona intermediária, verdadeiro laboratório de transformação das raças, viviam: brancos pobres acabados de chegar da Europa; alguns índios que tinham abandonado as suas aldeias; os mestiços vagabundos sem eira nem beira; os mulatos que, nascidos nos engenhos, foram depois libertos pelos seus senhores; por último os negros, na sua maioria sudaneses, que mercê do seu esforço recuperaram a liberdade.

Foi no seio desta população heterogénea e heteromorfa que se realizou o grande processo de transformação das raças, por

contacto e fusão dos três tipos étnicos: africano, aborígine e ariano.

E o A. termina dizendo: «Et c'est un beau spectacle de les y voir, pendant les trois siècles coloniaux, se précipitant dans le «melting-pot» pour l'oeuvre prodigieuse de la fusion.»

S. J.

PROF. ALBERT SCHWEITZER— *Entre el agua y la selva virgen (Relatos y reflexiones de un médico en la selva del Africa Ecuatorial)* — Prólogo del DR. ALEJANDRO LIPSCHÜTZ, 1 vol. de 240 págs. e 18 figs., Javier Morata, Editor, Madrid, 1932.

Um dia, o conhecido biólogo Lipschütz fazia, num vapor alemão, a travessia do Atlântico Sul. Ao chegar à Ilha da Madeira, encontrou, abandonado na coberta do vapor, um livro de Schweitzer e leu-o com sofreguidão nos jardins do Funchal. Tão encantado ficou com a leitura que promoveu imediatamente que saísse uma edição espanhola da obra.

O Prof. Lipschütz vai dizer-nos, antes de mais nada, quem é o seu autor. Filho de um pastor protestante alsaciano, A. Schweitzer seguiu a carreira de seu pai. Dedicou-se à filosofia e à música e tornou-se um brilhante professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo e um famoso intérprete de Bach. Um homem vulgar tinha já com que preencher a sua vida inteira. Porém Schweitzer, dotado, desde a infância, de uma alma de apóstolo, entendeu que era um dever dedicar o seu esforço ao bem da humanidade. E, para se lançar nessa carreira benemérita, julgou que não haveria melhor meio do que fazer-se médico e ir tratar os selvagens de África. Aos trinta anos foi, portanto, matricular-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Estrasburgo, em cuja Faculdade de Teologia era mestre.

Doutorado em Medicina, partiu para a África Equatorial francesa, abandonando a sua carreira de professor e a sua actividade de concertista.

Alguns missionários tinham-lhe revelado a imensa miséria física dos indígenas da Floresta Virgem. Os progressos da medicina puseram à nossa disposição muitos conhecimentos e meios eficazes contra as doenças e as dores físicas.

As nações colonizadoras mantêm, é certo, umas centenas de médicos em África, para cuidar dos negros. Mas essa assistência oficial é extremamente insuficiente. Deve chegar o momento em

que médicos voluntários em número bastante, vão, por esse mundo fora, tratar os indígenas de raças inferiores. Só assim a raça branca corresponderia à responsabilidade que lhe incumbe em frente aos homens de cor, que tratou tão barbaramente durante séculos.

Logo que obteve o seu grau de doutor em medicina, Schweitzer, acompanhado por sua esposa, que fisera o curso de enfermagem, partiu para a região do Ogué, na Costa do Gabão, onde montou um hospital para tratamento dos indígenas (1913).

Ali empregou tudo quanto tinha ganho como organista e tudo quanto apurou na venda do seu livro sobre Bach, que fôra publicado em três línguas. A Sociedade Missionária de Paris e numerosos bemfeitores ajudaram a obra singularmente benemérita do Prof. Schweitzer.

Informa o autor dêste curioso livrinho que a Costa do Gabão foi descoberta pelos Portugueses no século XV, e que foram os nossos antepassados quem desenvolveu a agricultura daquela região, introduzindo ali numerosas espécies de vegetais úteis.

Durante quatro anos e meio serviu Schweitzer de médico da Selva Virgem e, na série de capítulos dêste livro curiosíssimo, conta os episódios da viagem e a vida aventureira, num país «que devora os seus habitantes.» São impressionantes as páginas em que o médico apóstolo refere as dificuldades que teve em explicar aos negros como foi possível estalar a guerra, com tão grande ferocidade, entre povos que aceitavam e prégavam o Evangelho...

Êste livrinho, escrito para o grande público, ocupa-se largamente, em linguagem corrente, da lepra, da doença do sono e de muitas outras doenças tropicais.

São também deveras interessantes as páginas que tratam da psicologia do Negro.

É digna de nota a imparcialidade com que o Prof. Schweitzer se ocupa de questões religiosas. Sendo protestante, o autor, ao comparar as missões da sua religião com as católicas, não hesita em declarar que, «respeito a organização, a missão católica lhe parece, em alguns pontos, superior à evangélica». Lamenta a rivalidade entre as duas confissões religiosas, rivalidade que confunde os indígenas e prejudica a causa do Evangelho.

É singular a atitude dos homens superiores perante o problema da multiplicidade das confissões religiosas.

Schweitzer, sendo protestante, fala com respeito das missões católicas.

E o grande biólogo Lipschütz prefaciando a edição espanhola dêste livro, declara-se judeu, e pergunta a si próprio como

é possível a um indivíduo da sua raça prefaciá uma obra de puro carácter evangélico.

A verdadeira tolerância só pode encontrar-se em pessoas de alta cultura e de perfeita formação moral.

PIRES DE LIMA.

—
MENDES CORRÊA—*L'étude du criminel au Portugal*—«Revue de Droit Penal et de Criminologie et Archives de Médecine Légale». Enero-Febrero, 1932.

El título del epígrafe corresponde a la conferencia dictada por el autor en el Palácio de Justicia de Bruselas, bajo los auspicios de la Unión Belga de Derecho Penal. El estudio individual de los delincuentes—según el autor—se realiza en Portugal desde hace 50 años. En el antiguo derecho portugués la personalidad biológica, psicológica y moral del criminal no era tenida en cuenta. Para determinar la elección de la pena se consideraban ciertas condiciones psicológicas del crimen, como la cólera, la malicia y la intención; pero más que la naturaleza del delito interesaba al legislador la clase social del ofensor y del ofendido, el sexo del delincuente, la nacionalidad, la religión y su origen étnico. En ciertos municipios, por ejemplo, el caballero que atacaba al plebeyo estaba obligado a darle la mitad de la reparación que le hubiese correspondido en caso inverso. Como se ve, la pena estaba vinculada al privilegio. El origen étnico y la confesión religiosa de los delincuentes constituían elementos fundamentales para establecer la escala de las penas. Los moros y los judíos estuvieron siempre en condiciones jurídicas desfavorables. Las Ordenanzas Filipinas del siglo XVII son una expresión del criterio penal de la época.

Muy interesantes son los resultados de una encuesta hecha por el autor sobre las tradiciones populares referentes a los criminales. Las canciones lusitanas se ocupan raramente de ellos. El motivo dominante, casi exclusivo, es el Amor. Donde se halla un patrimonio rico, antiguo y variado de la sabiduría popular es en los adagios y en los proverbios. En estos últimos el autor ha encontrado más de 200 sentencias que se refieren en forma directa o indirecta al delincuente. Muchas revelan la intuición del pueblo sobre ciertas verdades científicas actualmente adquiridas. Otras traducen contradicciones evidentes. Así por ejemplo: mientras unas

proclaman la desigualdad natural de los individuos, otras afirman la igualdad; mientras unas reconocen la incorregibilidad de ciertos vicios o el destino ciego de los hombres, otras admiten, sin excepción, la corregibilidad. Numerosos son los adagios que establecen las relaciones entre los signos corporales, la morfología externa, y las cualidades psicológicas o morales, y existen otros que afirman la falacia de dichos signos. Las canciones populares hacen frecuente alusión al significado psicológico del color de los ojos. Existen adagios que establecen las causas económicas del crimen, la influencia del hábito, de la imitación, de las malas compañías y del régimen educativo, la existencia del delincuente ocasional y del loco criminal y en fin, la existencia de la muchedumbre delincuente. Concluye el autor respecto de esta laboriosa encuesta popular, que se puede atribuir al pueblo una cierta intuición sobre el estado peligroso y un justo criterio moral que le permite hacer el distinguo entre la personalidad de un delincuente ocasional y la de un recidivista inveterado.

Después de esta fecunda excursión folklórica, el profesor Mendes Correa estudia la influencia de la escuela clásica de Beccaria sobre la legislación penal que se inicia bajo el reinado de María I. El movimiento liberal de la primera mitad del siglo XIX suprime por completo las penas crueles e infamantes, las torturas, las confiscaciones y la transmisibilidad de las penas a los descendientes. Una ola de humanitarismo y de respeto hacia la personalidad humana sumerge al antiguo régimen penal, aunque queda sin naufragar el antiguo criterio de la proporcionalidad de la pena al delito.

En la segunda mitad del siglo XIX se establece en Portugal un régimen especial para los delincuentes patológicos. Si en otros países la opinión de los peritos médicos no tiene una influencia decisiva, en Portugal la tiene. Sin embargo, el examen psiquiátrico del criminal no es obligatorio para todos; únicamente tiene lugar cuando los jueces lo creen necesario y esto es indudablemente un error.

Cuando los estudios modernos de antropología criminal, se extendieron, en Portugal se efectuaron investigaciones muy meritorias sobre los delincuentes. Es justicia citar entre los primeros los trabajos de Ferraz de Macedo, Basilio Freire, Alfredo Luis López, Julio de Matos, y Manuel de Oliveira. El autor comenta elogiosamente el trabajo del primero sobre «Crimen y Criminal» (1892), el de Matos sobre «Los alienados ante la justicia» (1902), y los del Padre Antonio d'Oliveira, sobre «Los niños delincuentes».

Se refiere después el autor a la organización actual de los servicios medicolegales y criminológicos en Portugal. En Lisboa,

en Coimbra y en Oporto, existen servicios especiales para el estudio sistemático de los delincuentes. Por decreto de fecha 29 de noviembre de 1918 se ha creado la lista especial de peritos medicolegistas — por la cual tanto abogamos nosotros en nuestro país — constituida por los egresados de los Institutos Medicolegales de las tres ciudades anteriormente mencionadas.

En la última parte de su notable conferencia el profesor Mendés Corrêa se refiere a sus investigaciones, realizadas durante más de 20 años. En el estudio antropológico de los delincuentes se ha ocupado sucesivamente de corpulencia, del color de la piel, del color y abundancia del cabello, del color de los ojos, de la forma de la nariz, de la oreja externa, de los dientes, de la talla, de la envergadura, de la longitud del brazo, del antebrazo y de la mano, de la frecuencia relativa de los grupos dactiloscópicos, de los diámetros cefálicos, torácicos y abdominales, de las anomalías morfológicas, etc., etc. La comparación de estos elementos con los recogidos por el mismo autor en sujetos no delincuentes le permite concluir que no existe ninguna diferencia específica, que no existe ningún tipo morfológico especial que permita distinguir los criminales de los diferentes grupos regionales del país. A pesar de la frecuencia de los estigmas somáticos en los delincuentes, estos estigmas están muy lejos de presentarse en todos ellos y de poseer la especificidad que se les atribuía para diagnosticar tendencias criminales. Esta conclusión no excluye el estudio de la somatología de los criminales, siempre que se la refiera a los tipos de la morfología médica y a la doctrina de las constituciones. Creemos como el autor que es necesario reducir y seleccionar las medidas antropométricas, no dejarse llevar por la manía del coleccionismo morfológico y hacer una crítica exacta de su significación.

Las investigaciones sobre la biología del criminal las ha localizado el autor en el sistema nervioso y en las glándulas de secreción interna. Es evidente la correlación que existe entre cierta actividad endócrina y los estados emotivos, como igualmente sobre ciertos procesos neuropsicopáticos.

Los estudios psicológicos efectuados por el autor sobre varios centenares de delincuentes le permiten afirmar que muchas veces las tendencias criminales se encuentran vinculadas a anomalías psicopatológicas, hereditarias o adquiridas, pero el criminal no es, de una manera general, un anormal psíquico y ofrece una variedad de tipos psicológicos tan numerosa como el número de los individuos. — La anomalía más frecuente hay que buscarla en la esfera moral, donde se encuentra muchas veces déficit afectivo, debilidad del poder de inhibición, perturbaciones del carácter,

lagunas o perversiones en los sentimientos morales, originados por vicios educativos o por una incapacidad intrínseca de adquisición.

En la parte final de esta enjundiosa conferencia, el profesor Mendes Corrêa hace referencia a la escuela humanista italiana que postula que la moral y el derecho se indentifican y que el delito antes de ser una infracción a la ley, es una infracción ética; como consecuencia el solo fin de la pena sería la educación moral. Sin dejar de reconocer que el derecho y la moral tienen alguna comunidad de origen e interferencias numerosas, sostiene que sus dominios son diversos. La moral está formada instintivamente de sentimientos, de tendencias, de ideas adquiridas y de creencias profundas. El derecho sufre evidentemente la influencia del estatus moral, pero cristaliza únicamente en normas reconocidas necesarias para el orden político y social y en nombre de este orden las extiende a una cantidad de hechos indiferentes desde el punto de vista estrictamente moral. Existen hechos considerados delitos por la ley penal, que no lo son para la ley moral y viceversa. El autor reconoce que la defensa social contra el crimen se encuentra las más de las veces frente a un problema moral, pero siendo este aspecto predominante, no puede considerársele exclusivo como lo pretende la escuela humanista. Las condiciones biológicas, psicológicas y sociales ejercen evidentemente una influencia decisiva sobre la moralidad individual.

Tal es, en breve síntesis, la documentada, brillante y profunda conferencia del profesor Mendes Corrêa, a cuyas sensatas conclusiones adherimos en gran parte.

(Revista de Criminología, Psiquiatría y Medicina Legal, N.º 110, año XIX, páginas 226 a 229. Buenos Aires. Marzo y Abril, 1932).

OSVALDO LOUDET.

AZEVEDO NEVES — *Médecine Légale et Police Criminelle* — 1 vol. de 374 págs. e 41 figs., publ. pela Junta de Educação Nacional, Lisboa, 1931.

É o relatório detalhado duma viagem de estudo durante a qual o ilustre professor visitou vários institutos de Medicina Legal e escolas e institutos de Criminologia e Polícia Científica da França, Bélgica, Alemanha, Áustria e Itália. O sr. prof. Azevedo Neves expõe as linhas gerais das organizações médico-legais nes-

ses países e detem-se seguidamente na descrição dalguns dos referidos estabelecimentos e dos respectivos serviços. A França é, dos países indicados, aquele a que o A. se refere mais sumariamente, não porque a sua organização não mereça um estudo detalhado, mas porque não pôde ali efectuar, na sua curta permanência, as visitas que desejava.

São particularmente interessantes os estudos sobre os serviços de polícia científica e antropologia criminal de Bruxelas, Viena e Roma. As organizações médico-legais alemã e austríaca merecem ao sr. prof. Azevedo Neves um rasgado elogio.

O A. aconselha, com a sua grande autoridade, uma reforma urgente dos serviços policiais portugueses e propõe algumas modificações aos nossos serviços de medicina legal, à qual, diz, «falta muito pouco para chegar à situação a que tem direito».

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *Essai d'une théorie bio-sociologique sur la vie des langages spéciaux* — «Antropologie», X, Prague, 1932; id. — *Transformazione degli istinti profondi e autoconsolazioni* — «Rivista di Psicologia», XXVIII, Bologna, 1932.

Duma série de estudos muito notáveis do prof. Niceforo sobre a linguagem, sobre a personalidade e o meio na linguagem, etc., o presente refere-se às linguagens especiais, ou sejam as linguagens próprias de cada grupo social ou de certas categorias de indivíduos. As razões de formação dessas linguagens são de duas origens: biológica (diferenças no modo de ser e de sentir) e mesológica (diferenças no género de ocupações e actividade). As linguagens das crianças, dos alienados, dos primitivos, das diferentes profissões (dos médicos, dos advogados, dos estudantes, dos soldados, etc.), são estudadas, na sua formação, pelo A., que se detem especialmente na linguagem popular ou baixa linguagem, que reflecte também o meio e a constituição psíquica das classes inferiores da sociedade.

O ilustre autor da *Antropologia das classes pobres* chegou, como é sabido, à conclusão de que estas são profundamente diferentes — física, psíquica e socialmente — das classes superiores, com as quais portanto entram em luta. A sua linguagem é uma das armas dessa luta, «linguagem de ódio, de maldade, por vezes de crueldade, que tende a abaixar e a degradar as imagens, e a

quebrar, triturar, mascarar as palavras». Estes caracteres veem, para os melhores, do meio inferior e por vezes degradante em que são obrigados a viver; para os outros, são caracteres próprios a quem, naturalmente inferior, se acantona necessariamente nas classes mais baixas. As ideias são materializadas, denegridas. As ideias abstractas são expressas por comparações com as diferentes partes do corpo humano, estas por comparações com os animais, etc. Tudo desce um ou mais graus. Além disso, as palavras são trituradas e deformadas.

Uma linguagem especial não é necessariamente uma gíria. O carácter desta é ser uma criptologia do pensamento, é a intenção de esconder o pensamento aos não iniciados.

São muito interessantes ainda as considerações que o eminente autor do *Génie de l'argot* consagra às iniciações e aprendizagem das línguas especiais, às interdições lingüísticas ou palavras tabús, etc.

No segundo trabalho a que se refere esta análise, Niceforo descreve o sistema de substituições, sublimações, desvios, descarregas, disfarces, subterfúgios, deformações das coisas, os mecanismos de evasão do «eu», de optimismo e de auto-persuasão, etc. que a humanidade, individual e colectivamente, utiliza para satisfação de instintos profundos e para defeza do «eu» perante as múltiplas vicissitudes da existência. Muitos desses processos psicológicos dizem respeito à vida sexual, como Freud acentuou.

É impossível dar uma rápida síntese do notável estudo de Niceforo. Basta que assinalemos o seu grande interesse e a cultura e penetração psicológica que revela.

M. C.

GUSTAVO BARROSO — *As Colunas do Templo* — 1 vol. de 358 págs. e algumas figuras, Rio de Janeiro, 1932.

O ilustre académico brasileiro, sr. Gustavo Barroso (João do Norte), em cuja obra vastíssima de literatura, filosofia, história e erudição, ocupavam já um lugar de relêvo os estudos folclóricos, reúne no presente volume uma série destes estudos, com alguns de crítica e filologia.

O folclore em geral e o folclore brasileiro em especial, são objecto de capítulos vários em que o A. mostra além das suas qualidades literárias — que lhe deram um grande nome de escritor

— um conhecimento completo do que se tem escrito sobre aqueles assuntos, uma ampla documentação original e sugestivos pontos de vista pessoais sobre diversas questões desse ramo de investigação.

É notável o seu artigo «Nosso Folclore», em que examina o folclore brasileiro dentro das modernas ideias e indicando os seus principais ciclos temáticos, uns herança dos índios, outros de sabor africano, outros resultantes da penetração colonizadora dos bandeirantes. «O folclore brasileiro, escreve, é um dos mais ricos e variados do mundo. O sangue dos imigrantes de todas as procedências... dia a dia lhe vai enxertando novos sentimentos, ideias e tradições. Mas o substrato será sempre aquele que herdou dos seus antepassados vindos de Portugal, da África e das selvas americanas. Esta é a talagarça sobre que as gerações novas e futuras bordarão a eterna tapeçaria dos contos e das canções nacionais». Muito valiosa a documentação que o ilustre escritor e etnógrafo fornece sobre marcas de gado sertanejas, sobre jangadas, carros de bois, etc.

No capítulo «A língua brasileira», o sr. Gustavo Barroso afirma a sua convicção de que a língua no Brasil se «não estratificará senilmente», e de que, não sendo já possível negar a existência dum dialecto brasileiro, «uma língua brasileira será uma realidade mais cedo do que se pensa». Mas isso é natural. O que não me parece justo é falar, como faz o eminente académico, em «absoluta independência» da língua em formação. Independência em relação a quê? Ao português de hoje? Mas, quando se formar a língua brasileira, também o português d'aquém Atlântico não será igual ao de hoje. A língua portuguesa não está destinada à fossilização. Porém a futura língua portuguesa poder-se-há dizer tão independente da passada, como a futura língua brasileira se poderá dizer do idioma que falavam os bandeirantes d'outra, do idioma para cuja glória tanto concorreram e concorrem escritores nados em terras brasílicas...

As leis glossológicas não permitirão, sem dúvida, que a evolução do português se faça em perfeito paralelismo dum e doutro lado do Atlântico. Só podem supôr o contrário aqueles que julgarem esse processo evolutivo artificial e arbitrário, a despeito das diversas condições mesológicas e raciais dos dois países: Mas as linguas que resultarem, cá e lá, dessa evolução distinta, nunca perderão os laços genéticos que as prendem ao antigo português, como este e o italiano, por exemplo, estão a seu turno filiados no latim. Evolução própria, pois? Sim. Independência absoluta, nunca.

Desculpe o consagrado escritor esta nota discordante. A sua

inteligência eleita, que sempre se revela tão serena e imparcial, reconhecerá decerto o fundamento da minha rápida observação a uma passagem, que me chocou, do seu notabilíssimo livro.

M. C.

COLONEL CONSTANTIN — *Le rêve dans l'Ethnographie et le Folklore* — Extr. da «Revue Lorraine d'Anthropologie», Nancy, 1932.

Conferência erudita e interessante feita pelo sr. coronel Constantin na Associação Lorena de Estudos Antropológicos sobre as crenças ligadas aos sonhos pelos mais diversos povos, antigos e actuais, do globo. O A. mostra que na mentalidade civilizada subsistem, no que respeita aos preságios motivados por sonhos, muitos vestígios da mentalidade primitiva. Exemplos da guerra, entre outros, são invocados. E o sr. coronel Constantin acentua que o gosto pelas coisas ocultas, pelo misterioso, pelo maravilhoso, persiste nas pessoas mais afastadas das crenças tradicionais. Assim acontece com a população bem pouco religiosa de Villeurbanne, residência do A., onde um culto de essência espiritista reúne tantos fiéis que já foi necessário construir um templo, cujos officios são regularmente seguidos.

M. C.

A. SANTOS GRAÇA — *O Poveiro* — 1 vol. de 236 págs., ilustrado — Póvoa de Varzim, 1932.

Santos Graça enfileira, com o presente livro, no número dos mais distintos etnógrafos portugueses. Rocha Peixoto descortinara nêlo a vocação investigadora, mas não o deixou a morte prematura estimular-lha para que se traduzisse numa pronta coordenação e publicação de materiais. A necessidade de vir à imprensa corrigir algumas inexactidões alheias, o convite de amigos que o seu retraimento modesto penalizava, trouxeram o A. ao labor contínuo e à divulgação, pela conferência e pelo livro, dos ricos materiais colhidos.

A fisionomia dos poveiros, o seu regime comunitário, as marcas, balizas e divisas que êles usam, as alcunhas, as relações

com os estranhos à comunidade, as superstições, crenças e lendas, a medicina popular, as máximas, provérbios e preságios, as festas tradicionais, a vida marítima, a vida económica, a vida doméstica, a infância, o casamento, a morte, os barcos, rêdes e aprestos, o cancionero, o vocabulário — eis os assuntos que, em sucessivos capítulos do mais atraente interesse, Santos Graça expõe.

É verdadeiramente notável a discriminação que o A. faz das marcas — como que braços familiares — usadas pelos poveiros e até agora de sentido de-veras enigmático.

O trabalho de Santos Graça tem um alto valor científico e nacional. São as monografias como esta que melhor dão a consciência da Pátria. E, se atentarmos em que a traíneira, o cêrco americano, os vapores de arrasto, reduziram, como assinala o A., de 52 a 3 a magnífica frota poveira dos *lanchões*, se atentarmos em que se está desfigurando com as intrusões inevitáveis da moderna concorrência a fisionomia sugestiva da velha comunidade, reconhece-se a extensão enorme do serviço que Santos Graça prestou, fixando ainda os aspectos tradicionais dessa típica e admirável colmeia piscatória. Bem haja por isso o novo e excelente consócio que ao labor da nossa agremiação veio trazer o seu entusiástico e prestante concurso.

M. C.

ARNOLD VAN GENNEP — *Le Folklore du Dauphiné (Isère)* — Tome I — 1 vol. de mais de 300 págs. e várias cartas, Paris, 1932.

No presente volume, Van Gennep reúne os resultados duma detalhada e importante pesquisa folclórica em cêrca de 200 comunas da antiga província do Dauphiné, pondo em prática o método que aplicara já com êxito na Sabóia.

O ilustre etnógrafo, após algumas considerações gerais sobre o seu inquérito, depoentes e bibliografia, trata sucessivamente, neste tomo da sua obra: da gravidez e do parto, do baptismo, da infância e adolescência, do noivado e do casamento, dos funerais; passando às cerimónias periódicas, trata dos cultos de Cristo e da Virgem, dos santos de Janeiro a Maio, do ciclo do Carnaval e da Quaresma, do ciclo da Páscoa, do ciclo de Maio, interrompendo aqui a sua exposição que deve prosseguir noutro volume.

Cartas da distribuição de certos costumes, ritos e expressões

documentam o texto, extremamente rico em factos e observações do maior interesse. É impossível numa breve notícia bibliográfica destacar alguns desses factos que ofereciam comparações deveras sugestivas com outras regiões. A verdade é que o livro do consagrado autor da *Formation des légendes* ficará sendo, uma obra fundamental de estudo e consulta para todos os folcloristas e etnógrafos.

M. C.

XAQUIN LOURENZO FERNANDEZ — *Embarcacións (notas pra un cuestionario de etnografia)* — Sep. do N.º III do «Boletín NÓS», 6 págs., Santiago de Compostela, 1933.

No intuito louvavel de facilitar a tarefa da investigação das tradições populares e doutros capítulos etnográficos, o notável e douto Seminario de Estudos Galegos prepara um questionário geral que sirva de guia áquelas investigações.

O trabalho de Xaquín Lourenzo referente a «embarcacións» é, por assim dizer, o primeiro capítulo daquele guia que se publica. O A. formula um detalhado questionário de 115 números, a que se poderiam contudo acrescentar alguns outros como por exemplo um que dissesse respeito à — Benção dos barcos novos; o que é uso e costume fazer quando o barco se bota ao mar e quando vai pela primeira vez à pesca.

É nossa impressão que haveria talvez vantagem em repartir por capítulos distintos aqueles múltiplos números.

Assim, por exemplo, poderiam estabelecer-se os seguintes capítulos:

As embarcações em terra.

As embarcações no mar.

Aprestos e aparelhos de pesca, rêdes e outros.

Tripulação.

Crenças e superstições.

No capítulo de «*As embarcações em terra*» reunir-se-ia o questionário que dissesse respeito aos barcos na terra como seja construção dos barcos, diferentes tipos de embarcações e fins a que se destinam, abrigos ou alpendres para guardar os mesmos, etc., etc.

E do mesmo modo se procederia para cada um dos capítulos seguintes.

Isto traria certas vantagens como seria, por exemplo, a de

agrupar as proposições da mesma natureza. Assim os números 38, 50, 51 e 88 do questionário de Xaquín Lourenzo figurariam a par no capítulo das crenças e superstições.

É claro que o nosso ponto de vista da subdivisão em capítulos não é isento de inconvenientes mas afigura-se-nos preferível.

O que digo em nada desmerece o trabalho do A. que com o cuidado, saber, e muito interesse que lhe merecem os variadíssimos capítulos da etnografia galega, conseguiu elaborar um questionário minucioso que vai guiar o investigador na colheita do muito que de perto ou de longe se liga com os barcos e a faina piscatória.

S. J.

LUÍS CHAVES — *Portugal Além (Notas etnográficas)*, 168 págs., 4 figs., Gaia, 1932.

O A. que é conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos e a quem a etnografia e a folclore nacional devem já valiosas contribuições de estudo, coligiu neste volume e sob o título «Portugal Além» uma série de artigos publicados num jornal de Lisboa, nos quais versara numerosos capítulos da etnografia portuguesa, especialmente festas.

Numa justa sistematização o A. divide o seu estudo em quatro capítulos ou ciclos correspondendo às quatro estações do ano.

No *Ciclo do Inverno* fala-nos das festas do Natal, da opípara ceia da consoada, da missa do galo, das festas do Ano Bom, das «reisadas» ou festa dos *Reis*, das festas da *Candelária* e das festas irreverentes e pagãs do Entrudo.

No *Ciclo da Primavera*, rico de festas religiosas da quaresma, Semana Santa e Páscoa, e ainda do Espírito Santo e Corpus-Christi, há também as de carácter pagão como, a espera do cuco, a festa das Maias e o dia da espiga.

O *Ciclo do Verão* é, no dizer do A., «o ciclo dourado do folclore». É a quadra das ceifas, com seus despiques ao desafio em que as cantigas se atiram em lances de esgrimistas hábeis; e são os bailes armados num repente em qualquer largo ou eirado. É a quadra das orgiáticas e paganíssimas festas do S. João. É o suceder ininterrupto de romarias que de Junho a Setembro arrasam o povo aos milhares para o cimo de cabeços solitários em visita a capelinhas humildes ou a templos de sumptuosa magestade. Uns levados por crença arreigada vão cumprir promessas feitas no momento de aflição ou dor. Outros vão apenas para se

divertirem. É o pretexto para se comerem lutas merendas regadas abundantemente com vinhos frescos que o calor da solina mais faz apetecer.

O ciclo do verão é ainda a quadra das touradas, «o mais português e o mais tradicionalmente português» de todos os espectáculos.

São justos estes dizeres do A.: «A tourada tradicional entre nós pratica-se unicamente no Ribatejo, como festa agrícola que foi e em essência é. Fora das terras santarenas, essa baixa exuberante que as Portas-do-Sol espreitam, a tourada é hoje o espectáculo ridículo de palhaçada tauromáquica».

Vem por último o *Ciclo do Outono* que é de todos o menos rico, «talvez por ser das quatro a mais suave, uma estação de repouso, transição morna do verão até ao inverno». Nesta quadra apenas avulta no comêço de Novembro a festa dos mortos com romagens de saúde às campas dos mortos queridos.

De tôdas as festas referidas nos fala o A. dizendo-nos da sua dispersão de norte a sul do país, marcando modalidades de carácter local ou regional, enumerando uma bibliografia rica que é índice de que estudou bem este vastíssimo capítulo etnográfico tão curioso e cheio de interesse.

S. J.

ANTON FRAGUAS FRAGUAS — *As lendas da Fonte Pormás* — Sep. do n.º 108 de «Nós» (Boletín Mensual de Cultura Galega), 14 págs., Santiago, 1932.

O poder curandeiro da água de certas fontes, os tesouros que, no dizer do povo, outras guardam avaramente, as moiras encantadas que ali penam e as muitas lendas que veem contadas de há tantos anos, fazem com que as fontes constituam um manancial inexgotável de colheita folclórica.

O A. que ao estudo do folclore da Galiza tem já dedicado outros interessantes trabalhos, na pequena nota que analisamos regista três curiosas lendas de encantamentos feitos na fonte de Pormás (Corunha). Essas lendas são como tantas outras que se contam na Galiza e em Portugal.

Ha, porém, interesse nêsse registo, pois que, numa das lendas, ao contrário do que é vulgar, se explica a maneira como foi encantada a respectiva personagem e a transformação dum *adival* em enorme serpente que lhe ficou de guarda e constituindo o enigma ou chave do encantamento.

S. J.

P. SAINTYVES — *Le Folklore préhistorique-Bibliographie sommaire et questionnaire* — Sep. da «*Revue de Folklore Français*», 8 págs., Paris, s. d.

É um apêlo que o ilustre presidente da Société du Folklore Français, faz aos sócios da mesma, para cada um na sua região colher as diferentes lendas, crenças ou tradições ligadas aos vários documentos pre-históricos como menhirs, alinhamentos e cromlechs, dolmens, tumuli, pedras fálicas, colares, pontas de seta, machados, etc.

As respostas a êste questionário serão publicadas num número especial da «*Revue do Folklore Français*».

Em Portugal, onde a cada passo se destroem belos monumentos pre-históricos como dolmens, estações de arte rupestre etc., apesar de haver uma legislação que tal proíbe, tinha certa oportunidade um questionário dêste género que forneceria alguns elementos para a elaboração das cartas pre-históricas.

S. J.

AFONSO DO PAÇO — *Gírias Militares Portuguesas*, a) *Mais gíria de caserna*, b) *Linguagem da corneta e do clarim* — Sep. da «*Rev. Lusitana*», vol. XXIX, 15 págs., Pôrto, 1932.

Ao tenente Afonso do Paço que é um arqueólogo distinto, também a etnografia portuguesa deve já uma mão cheia de bons trabalhos.

Há anos o A. publicou as *Gírias Militares Portuguesas* (Edição Maranus, Pôrto, 1926) onde com sistematização e critério deixou registadas algumas centenas de vocábulos colhidos nas gírias da *Malta*, da *Caserna* e do *Colégio Militar*.

Depois em 1929 deu-nos um novo capítulo das *Gírias Militares*, com o trabalho sôbre a *Gíria da Escola Militar*, publicado no vol. I de «*Língua Portuguesa*».

Desta vez aumenta com mais 58 vocábulos, alguns curiosíssimos, a lista de 131 que havia publicado em 1926. A segunda parte do trabalho que analisamos regista as cantilenas que o soldadinho diz acompanhando os diferentes toques de ordenança com que a *tropa de vento*, designação chasqueante dos corneteiros e clarins, anima a vida da caserna.

S. J.

A. CASTELLANOS — *Nuevos restos del hombre fosil* — (Nota informativa), *Physis*, XX, 1930.

Trata nesta memória o autor do aparecimento e descrição de um fragmento de mandíbula humana, o qual apresenta o tipo de fossilização dos restos descobertos no *bonaerense basal* e do *belgranaense cuspidal*, que corresponde ao pleistocénico médio.

Depois de consciencioso estudo da peça encontrada, o autor conclui que ela apresenta adiantada fossilização e que as suas características permitem atribuí-la ao *Homo sapiens*.

Êste fragmento atestaria, segundo o autor, com elementos novamente aduzidos, que a existência da espécie humana datá de época bem mais antiga na América do Sul do que na Europa.

B. F.

COLONEL CONSTANTIN — *Contribution à l'étude des questions ligures* — «*Rhodania*», Congr. de Chalon-Beaune-Tournus (1931) — Vienne, 1932.

Com auxílio do latinista e helenista M. Marissiaux, o A., reuniu as traduções dos antigos textos gregos e latinos que se referem aos Lígures e Sículos, à geografia, etnografia e história dos Lígures, ao cisne e ao âmbar, etc. É da maior utilidade essa colectânea, que o A. faz seguir de observações adequadas e dum índice das palavras gregas ou latinas, cuja tradução é susceptível de controvérsia ou que são úteis para a boa inteligência dos textos.

Muitos autores se teem ocupado das questões lígures, mas, intercalando em geral a apresentação dos textos com os comentários e a exposição das próprias doutrinas, tornavam difícil ao leitor um balanço dos elementos objectivos fornecidos pelas fontes. O coronel Constantin acaba de remediar esse mal.

Algumas ligeiras observações podem naturalmente suscitar certas passagens do trabalho. Notemos, por exemplo, que, seguindo, como a quasi generalidade dos autores, a leitura de Schrader, o A. menciona os Lígures no trecho n.º 94. Mas na *editio princeps* não está *Ligus*. Está *Lucis*. No códice de Ortélio está *locos*, o que não faz sentido.

M. C.

H. LUNDBORG AND S. WAHLUND.—*The race biologie of the Swedish Lapps*—Part I—1 vol. de VIII + 138 + 93 págs., muitas estampas, gráficos e quadros. — Uppsala, 1932.

O Instituto Sueco para o estudo da Biologia da Raça, dirigido pelo ilustre professor Lundborg, continua com brilho a sua benemérita tarefa de que já nestas revistas bibliográficas temos dado conta, com o justo elogio.

Agora é publicada a primeira parte dum importante trabalho sôbre a biologia racial dos Lapões suecos. São seus autores o próprio prof. Lundborg e o estatístico do Instituto, sr. Wahlund, tendo ainda colaborado com um artigo sôbre a pre-história dos Lapões, o prof. Wiklund.

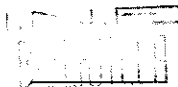
O presente volume é sobretudo de demografia. Um segundo volume se referirá especialmente à antropologia.

Os elementos estatísticos recolhidos, tanto sôbre as estatísticas oficiais como por meio de inquéritos, estão reunidos em quadros numerosos tendo sido objecto dum estudo minucioso e duma crítica rigorosa, para o que o sr. Wahlund empregou mesmo alguns métodos originais de trabalho que expõe.

A mortalidade aparece maior nos Lapões nômadas, e a sua natalidade mais fraca do que nas populações sedentárias, mas, ainda assim, ha excesso dos nascimentos sôbre os óbitos. No entanto as estatísticas dão os Lapões suecos como diminuindo em número, o que se explica pela passagem de muitos para o território norueguês e pela desnacionalisação que entre êles se opera sob a influência assimiladora da restante população. A mortalidade infântil nas primeiras idades é elevada nos nômadas. Ainda assim, os AA. referem-se em termos favoráveis às condições educativas em que os Lapões suecos se encontram.

As estatísticas sôbre que assenta o estudo demográfico dalguns dos distritos considerados, dizem respeito a um período que vem desde o fim do século XVIII até hoje. Esse facto e a meticulosidade dessas estatísticas, que permittiram conclusões de-veras detalhadas, dão a medida do alto desenvolvimento cultural da nação sueca.

Não é de estranhar, assim, que saiam daquele país trabalhos tão valiosos como aquele de que nos ocupamos.



M. C.